

/ PALAVRA DO LEITOR

Gestão de reputação



Alicerce das empresas em épocas de turbulência, a reputação não aparece no balanço, mas decide o rumo de uma organização quando a pressão aumenta, começando na liderança, atravessando processos, exigindo coerência e se consolidando na relação e na comunicação (Caderno Empresas & Negócios, edição de 09/03/2026). A gestão da reputação é um tema sensível, especialmente à luz das revelações do caso Epstein, que atingiram executivos, professores renomados e até membros da família real britânica. Episódios assim mostram como a gestão de reputação se tornou central para todos os atores. *(Mauricio Rigon)*

Agronegócio

Produtores rurais realizaram um protesto no primeiro dia da Expodireto Cotrijal, em Não-Me-Toque (JC, 09/03/2026). Por que o luto? “Cinco estiagens, alto custo de produção, uma enchente, baixo valor dos produtos agrícolas.” Estas foram as “justificativas” dos plantadores de soja para a manifestação de “luto pelo agro” na Expodireto, exigindo mais dinheiro do governo federal além dos R\$ 605 bilhões já contemplados pelo plano Safra de 2026 (o maior valor da história). Ou isso é mais uma manobra eleitoreira do “agro” para “queimar o filme” do governo perante a população, ou então eles precisam obedecer às “leis de mercado”, já que todas as desculpas acima apresentadas na manifestação ou são fruto da lei da oferta e demanda, ou de eventos climáticos oriundos da devastação florestal exatamente para a produção de soja. *(Daniel Almeida, por e-mail)*

Agronegócio II

Será que a comissão da organização da feira da Expodireto não foi informada ou nem sequer sabia dessa dificuldade da classe do agronegócio? Tudo indica que neste ano a feira terá muito prejuízo devido às poucas vendas da exposição, então seria melhor que não tivesse sido realizada ou fosse adiada para o ano que vem. *(Julci Luiz Wastowski)*

Aeroporto de Porto Alegre

A movimentação no Aeroporto Internacional Salgado Filho respondeu por mais de 90% do tráfego aéreo gaúcho em 2025 (JC, 10/03/2026). Isto mostra a deficiência logística do Rio Grande do Sul. Cidades importantes como Santa Maria têm um aeroporto minúsculo e com um único voo de ligação com a Capital. *(Augusto Bilhalva Goulart)*

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Qual o preço da escala 6x1?

Alessandra Enck Miguel

Ao perguntar a um cidadão brasileiro se ele quer trabalhar mais dias na semana ou se aceita ganhar menos, a resposta tende a ser não para ambas. É fácil entender o motivo: jornadas longas deixam pouco espaço para a família e para a vida fora do trabalho, enquanto reduzir os rendimentos é também muito complicado, principalmente para quem mais precisa de recursos. A escala 6x1 envolve esses fatores, e o debate sobre o assunto ganhou força neste ano.

Não por acaso, em um ano eleitoral, o governo enxerga na redução da jornada 6x1 uma pauta com forte apelo popular - e tem razão do ponto de vista político. Segundo pesquisa da agência Nexus, 73% dos entrevistados apoiam o fim da escala 6x1, desde que não haja redução salarial. O que grande parte da população não consegue ver são os efeitos econômicos dessa mudança. A conta não fecha quando se reduz a jornada mas não o salário. As empresas não podem pagar o mesmo salário e receber menos produtividade.

O custo da hora trabalhada pode aumentar em mais de 9% sem reduzir o salário. Quem pagará essa conta? O custo será repassado ao consumidor final, aumentando a inflação do País. As empresas podem enfrentar uma alta de até 10% nas despesas com pessoal, um custo que já é muito significativo para os empresários.

Há também a informalidade em jogo. Em 2013,

com a PEC das Domésticas, a informalidade aumentou. Naquele ano, 68,6% das domésticas trabalhavam na informalidade. Hoje, 76,7% estão nessa condição. Vai ocorrer o mesmo com a escala 6x1. O Brasil já conta com quase 40% da força de trabalho na informalidade.

Reduzir a jornada pode aumentar os empregos gerados. O que antes era feito por uma pessoa precisará ser feito por duas. Há quem diga que irá melhorar a saúde mental dos trabalhadores. O certo, no entanto, é que os preços vão subir e todos vão pagar essa conta. Começando pelos mais humildes.

Para evitar desemprego e informalidade, além de diminuir a carga de trabalho, o caminho é outro. Hoje, quase metade do que o empregado gasta na folha de pagamento é imposto. Por que não reduzir essa carga tributária, aumentar os salários e ver a economia crescer? O que precisamos, sim, é discutir redução de imposto e mais produtividade, e não preços mais altos, desemprego ou informalidade em um País que precisa crescer.

*Empresária, associada do Instituto de Estudos Empresariais (IEE)*

Grande parte da população não consegue ver os efeitos econômicos dessa mudança

NR-1 Psicossocial e a fiscalização

Walmir Bandeira

Antes de discutir formulários e relatórios, dois fatos precisam ser encarados sem ilusões:

1. Quando a empresa começa a avaliar fatores psicossociais, ela passa a registrar oficialmente informações sobre pressão no trabalho, conflitos e saúde mental. Esses registros podem ganhar importância fora da empresa em casos de demissão, processos trabalhistas, afastamentos ou fiscalizações. O risco não está apenas em não avaliar. O risco também está em acreditar que apenas avaliar resolve o problema.

2. Riscos psicossociais não se comportam como riscos mecânicos. Eles mudam o tempo todo e são influenciados tanto pela forma de liderança quanto pela história e pelos problemas pessoais de cada trabalhador. Por isso, não é simples medir ou controlar esses fatores como se fossem um risco técnico comum.

Muitos empresários tratam a NR-1 Psicossocial como rotina: aplicar questionário, gerar relatório, anexar ao PGR. Mas aqui não estamos falando de máquinas. Estamos falando de comportamento humano - e comportamento não se transforma com planilhas.

Essa norma entra no território da cultura or-

ganizacional: percepção de justiça, conflitos, insegurança, estilo de liderança. Avaliar é simples. Planejar também. O desafio real é gerar mudança consistente na mentalidade e no comportamento, protegendo a saúde mental e elevando a performance.

Outro ponto pouco discutido é que registros de apoio psicológico podem ganhar valor probatório externo. O prontuário do psicólogo pode ser solicitado e utilizado como prova em processos trabalhistas ou em casos de afastamento por doença mental.

A questão é estratégica: como reduzir risco sem ampliar exposição? Como fortalecer saúde mental sem produzir passivos?

Existe hoje uma abordagem estruturada de treinamento mental que atua na organização dos pensamentos e na mudança prática de padrões comportamentais - sem revisitar o passado, sem exploração emocional e sem transformar o colaborador em um prontuário.

Ao fortalecer clareza, foco e autorregulação, a empresa reduz vulnerabilidades, melhora o ambiente e atua preventivamente. Mais do que proteger, isso gera impacto direto em produtividade, tomada de decisão, liderança e engajamento. Menos afastamentos, menos conflitos improdutivos, mais execução. Saúde mental deixa de ser custo e passa a ser ROI.

Não é alarmismo. É responsabilidade. Porque riscos invisíveis não avisam. Apenas aparecem - e cobram.

*Empresário, psicólogo, CEO da BTInova*